CORPOREIDADE NEGRA E O ENSINO DA EDUCAÇÃO FÍSICA NO BRASIL

Ivanilde Guedes de Mattos¹

Resumo: *Este artigo trata da corporeidade negra no ensino da educação física. Desde o seu surgimento no Brasil, início do século XIX, a Educação Física esteve comprometida com o poder dominante, inicialmente com a finalidade de higienização dos corpos. Aplicada nas escolas, adotava métodos ginásticos europeus de sistematização de ensino disciplinar, mecânico e com critérios rígidos oriundos das ciências biológicas. Tendo início no Brasil através de processos seletivos, classificatórios, discriminatórios e excludentes, a Educação Física Escolar desconsiderou durante muito tempo a idéia de corpo como revelador de atitudes e comportamentos pessoais e expressivos de especificidades culturais. Neste sentido, partimos da premissa que a Educação Física, enquanto prática pedagógica nas escolas, serviu aos interesses de três instituições políticas e ideológicas: a medicina, a militar e a esportiva, cujas ideologias estiveram diretamente ligadas à discriminação do corpo negro, pela eugenia, pelo controle e pelo estereótipo. Portanto, para analisar qual o papel do ensino da Educação Física na construção de uma identificação corporal dos estudantes adolescentes negros, buscamos saber o que pensam esses sujeitos e como determinadas marcas históricas se fazem presentes na auto-afirmação corporal desses adolescentes. A base teórica desta investigação se sustenta numa interpretação dos estudos foucaultianos. Tais estudos reconhecem que há um poder sobre o corpo que se manifesta através da disciplina e do controle. Diante disso e da forma como a Educação Física vem sendo conduzida na escola – como disciplinarização do corpo –, podemos pensar que ela não contempla a corporeidade negra.*

Palavras-chave: Educação Física; Corpo Negro; Representação.

INTRODUÇÃO

Desde o seu surgimento no Brasil, no início do século XIX, a Educação Física esteve comprometida com o poder, inicialmente, com a finalidade de padronização dos corpos. Aplicada nas escolas, adotava métodos ginásticos europeus de ensino disciplinar mecânico, baseando-se em critérios rígidos, oriundos das ciências biológicas. Tendo início através de processos seletivos, classificatórios, e excludentes, a Educação Física escolar desconsiderou durante muito tempo a idéia de corpo como uma totalidade; educar o físico é disciplinar nossos instintos e impulsos. Foi assim, como uma disciplina rígida promovida pela pedagogia tradicional, que a Educação Física substituiu por muito tempo superior aos devaneios da alma, as necessidades do espírito e da razão sobre o corpo.

Remanescentes de uma política escravista que impedia a população negra do acesso à escola, os projetos para o desenvolvimento de uma sociedade moderna para o Brasil no pós-abolição não adotou nenhuma política pública para esta população. Dada a importância das transformações sofridas pelo ensino da Educação Física se faz necessário localizar historicamente o ponto de partida da nossa reflexão, onde o corpo negro no pós-abolição foi excluído dessa prática pedagógica que surgiu no Brasil em meio a um cenário social burguês, pelas mãos da classe médica.

No início do século XIX, o Estado preocupado com o restabelecimento da ordem social se viu incapaz de controlar os delitos, a promiscuidade e a vagabundagem, reflexos da falta de

¹ Licenciada em Educação Física pela UCSAL, mestranda do programa de Pós-Graduação em Educação e Contemporaneidade da UNEB - Universidade do Estado da Bahia. e-mail: ivymattos@hotmail.com – Este texto é parte da pesquisa de mestrado desenvolvida pela autora, apoiada pela FAPESP.

políticas para o trabalho, para a educação e saúde. Sem dispor de instrumentos de controle que tivessem condições de vigiar e punir o Estado, teve que se render à medicina, que pleiteava uma independência da tutela jurídico-administrativa herdada da Colônia (COSTA,1983 p.28). Tal independência não só conferiu total autonomia à classe médica, como fez da mesma uma instituição fortalecida capaz de reordenar o panorama social, cultural e geográfico da sociedade. Por tal motivo tornou-se, rapidamente, a instituição responsável pela organização da sociedade brasileira, desenvolvendo a política de medicalização e limpeza da população; avidamente lançou mão de vários costumes, tais como: lavar as mãos, escovar os dentes, tomar banho, dentre outros, com o propósito de criar novos hábitos na sociedade, incorporando através dos mesmos o ideal da eugenia, associando os seus objetivos aos da elite agrária (Idem, p.13).

Apesar de a Educação Física mostrar-se um campo privilegiado para os estudos acerca do movimento humano através do corpo, é também verdade a ausência de estudos que tratem do corpo negro. Essa não tem sido uma preocupação dos pesquisadores/professores de Educação Física.

Vale ressaltar que, outrora, a Educação Física teve sua importância reconhecida quando respondia aos objetivos da classe médica, que a utilizou enquanto profilaxia, em uma época na qual se culminavam ações concretas contra a escravidão no Brasil, inaugurando, a partir de então, novas políticas sobre o corpo: a separação entre meninos/meninas, negros/brancos, feios/bonitos. Segundo Costa 1983,

a escravidão colocava à higiene alguns problemas específicos. A tática médica de controle dos indivíduos pressupunha a existência de um “cidadão perfeito livre, e trabalhador” para que a articulação necessária entre o sujeito do contrato social e o sujeito da disciplina pudesse concluir-se (Idem, p.121).

Portanto, é facilmente observado que tais campanhas higiênicas prometiam um novo *status* à sociedade burguesa, que através da normalização dos hábitos de higiene estariam colaborando para um projeto de sociedade desenvolvida, e neste caso o africano e seu descendente escravizado, apesar de ser uma presença indispensável no seio das famílias brancas, não pode beneficiar-se de tais políticas devido sua condição titulada na época como “animal útil ao patrimônio e à propriedade”; assim o escravo que já vivia em situação de deteriorizada, precária e insalubre, passa a condição de animal nocivo à saúde. (Ibidem, p.121).

Sendo assim, estes corpos negros escravizados são sentenciados à não provisão de condições mínimas de sobrevivência, lembrando que este século foi marcado pelas febres, infecções e epidemias. Ao escravizado restou a sua presença, o seu comportamento, a sua índole associada aos “maus ares” disseminadores das doenças orgânicas². Não sendo bastante, os negros e as negras ainda carregaram a culpa que o poder médico classificou como empecilhos para a normalização dos corpos e ajustes de comportamentos no seio das famílias.

Avançando um pouco mais na história, outro momento significativo para o ensino da Educação Física escolar se deu com a influência do governo militar. Ainda com preocupações voltadas para a regulação dos corpos, à medicina coube articular com esta instituição do poder judicial, reconhecida pela disciplina e pela autoridade, que é a instituição militar. Associada ao rigor disciplinar e seus objetivos específicos, a medicina manteve o controle sobre os corpos, agora sob os comandos de uma prática reguladora inserida nas escolas através do ensino da Educação Física escolar. Acreditamos que esta época foi, sem dúvida, um dos momentos de maiores exigências pedagógicas para o ensino da Educação Física escolar, dentre as quais destacamos:

² Segundo COSTA, 1983, os “miasmas”, “insetos” e “maus- ares” entre as escravas, que além de serem em geral estúpidas, grosseiras e o seu moral extremamente viciado, o seu organismo é, de ordinário, a sede de grande cópia de moléstias, bem como a sífilis e a diátese escrofubulosa (p. 122).

- Os alunos deveriam trajar uniformes/fardas para fazer as aulas de Educação Física. Eram componentes desta farda o short, a camiseta, as meias longas, e o tênis para os meninos. As meninas deveriam usar cabelos presos, saia plissada (de pregas) cobrindo o short, meias- longas e tênis. A farda deveria ser de cor branca para ambos os sexos.
- Para eficácia dos métodos higiênicos era imprescindível manter a farda da Educação Física imaculadamente branca. O uso da cor branca e o seguimento de uma doutrina corporal para manter a pureza dos corpos e a limpeza da farda significavam fazer as aulas sem se sujar, mantendo, também, os cabelos presos, evitando o suor excessivo.
- Uma das marcas do governo militar foi a inserção da marcha como conteúdo das aulas de Educação Física; durante este governo as escolas eram incentivadas a participarem dos eventos cívicos, a exposições do exército, a formarem atletas e organizar competições inter-escolares.

MUTAÇÕES NO ENSINO DA EDUCAÇÃO FÍSICA

A concepção predominante sobre o objetivo da Educação Física foi baseada no benefício e na utilidade [...] e a saúde, e o prolongamento da vida, o melhoramento da espécie humana, o aumento da força e riqueza individual e pública [...] já dizia Costa (1983, p.179). Ao fazer esse percurso pela história do ensino da Educação Física escolar é evidente a ausência de um pensamento que tenha refletido as necessidades do corpo negro.

A necessidade de um outro olhar desta área para a corporeidade negra se faz com a finalidade de ressaltar os valores de uma cultura corporal³ silenciada e invisibilizada durante muito tempo no ensino da Educação Física, visto que até o início da década de 70 do século passado o conteúdo básico aplicado nas escolas era oriundo dos “Métodos Ginásticos Alemães”⁴, Essa prática, mais conhecida como ginástica calistênica, foi utilizada não só nas escolas como também em instituições militares, nas quais o fundamento era a disciplina dos corpos através de seqüências rígidas e coordenadas, cuja execução exigia dos alunos e recrutas atenção, concentração, raciocínio rápido e eficácia dos movimentos⁵.

Outra influência de destaque na Educação Física foi o esporte, modalidade esta discutida enquanto prática pedagógica escolar. O esporte implantado nas escolas vinculou a Educação Física escolar aos princípios “do rendimento, performances, recordes, regulamentação rígida, sucesso no esporte como sinônimo de vitória, racionalização dos meios e técnicas” (COLETIVO DE AUTORES, 1992, p.54).

O esporte, considerado como elemento predominante da cultura corporal, reafirmado pelo Método da Educação Física Desportiva Generalizada e divulgado no Brasil anteriormente por Auguste Listello⁶, não foi sistematizado enquanto prática curricular democrática no ensino escolar. Da perspectiva de gênero, o esporte estabeleceu-se como um domínio masculino.

³ Cultura corporal é como se denomina o conhecimento dessa área pela Educação Física. Ela será configurada com temas e formas de atividades, particularmente corporais, presentes em diversas manifestações como o jogo, esporte, ginástica, dança ou outras. (COLETIVO DE AUTORES, p.62).

⁴ Id., ibid.p.54

⁵ Idem

⁶ Após a Segunda Guerra Mundial e o fim da ditadura no Brasil, surgem outras tendências disputando a supremacia no interior da instituição escolar. Destaca-se nesse período a inserção da cultura européia como elemento predominante da cultura corporal (Id, ibid.p.54-55)

Saraiva (2004) afirma que a história da civilização ocidental e do esporte ocidental é a história da dominação masculina. O esporte foi, e ainda é, percebido e executado sob a orientação dos valores e das normas masculinas dominantes (p.71).

É o que se observa nos dias atuais; o esporte quando aplicado como conteúdo programático nas escolas é objeto de rejeição por parte das meninas. Há sempre aquela idéia de fragilidade, defendida, acentuada e acomodada por parte tanto das meninas como dos meninos, diante de certas modalidades esportivas, principalmente quando essa modalidade é o futebol.

O governo da era militar, através da implantação do esporte na escola, transformou a instituição escolar em celeiro de atletas, privilegiando os considerados mais talentosos e mais habilidosos. Através de treinamentos desportivos, comparando rendimentos e performances, influenciou significativamente para marcar sua dimensão de atividade masculina, reforçada pelo *status* de “sexo forte”. Transformar as práticas pedagógicas que considerem a possibilidade de aulas mistas certamente ainda é motivo de preocupação para muitos professores da área, que revelam em suas experiências práticas o fracasso e o desinteresse por parte do alunado. Questões relacionadas a esporte e gênero merecem destaque, porque ainda hoje nos vemos frente ao desafio de propor qualquer atividade prática mista nas aulas de Educação Física.

Somente a partir do fim da década de 70 e do fim da ditadura é que a Educação Física pôde ampliar seus referenciais teóricos e ser pensada a partir de outras interfaces, as quais reconhecem o homem na sua totalidade. Podemos dizer que a partir do período anteriormente referido surgiram outras concepções sobre o ensino da Educação Física escolar, que rompem com pedagogias tecnicista, predominantes no regime militar e nos métodos alemães, para um pensar voltado para o corpo dentro do contexto histórico-social. Fizeram parte desse movimento as pedagogias humanistas, caracterizadas pela presença de princípios filosóficos em torno do ser humano, sua identidade e valor, tendo como fundamento os limites e interesses do homem (COLETIVO DE AUTORES,p.55).

Uma das concepções sustentada por alguns estudiosos como possibilidade de diálogo entre práticas e conteúdos da Educação Física é a Cultura Corporal, que se opõe radicalmente à concepção herdada de um passado histórico que utilizou a tendência biologicistas para diferenciar e adestrar corpos. A cultura corporal, segundo o COLETIVOS DE AUTORES, busca desenvolver uma reflexão pedagógica sobre o acervo de formas de representação do mundo que o homem tem produzido no decorrer da história, exteriorizadas pela expressão corporal (Idem, p.38). A adoção da cultura corporal não foi de imediato aceita como possibilidade pedagógica, houve resistências por parte de grupos cujas filosofias estavam embasadas em métodos considerados eficientes, não devendo ser substituídos por práticas que se debruçavam nas idéias de corporeidade.

A década de 80, no entanto, trouxe significativas transformações para a sociedade que, mesmo de forma involuntária, passou a pensar quase que obrigatoriamente em qualidade de vida. Foi nesta época que a mídia nacional passou a importar programas de ginásticas apresentados, por exemplo, pela famosa atriz Jane Fonda. Ainda sem que nos déssemos conta, o controle e a regulação dos corpos passam a ser incorporados dentro de uma nova filosofia de vida, que correlaciona a vitrine corporal eurôcentrica aos novos hábitos de consumo intitulados como atividade física e saúde. A partir dessa idéia de saúde e vigor físico, entrou em cena a indústria do *fitness*,⁷ disseminando a cultura do exercício físico.

Houve, assim, a proliferação de um grande número de academias de ginástica, promotoras de uma idéia dicotomizada entre corpo e mente. Essa foi a época em que surgiram os novos conceitos⁸ e padrões estéticos de beleza que a mídia, de um modo geral, passou a veicular sistematicamente, reconhecendo o surgimento de um produto a ser mercantilizado, o corpo. Foram estas, algumas formas utilizadas para a padronização dos corpos, sob o domínio de uma

⁷ *Fitness* denominação em inglês para academia de ginástica.

⁸ Novos conceitos aqui referidos como belo e feio Ver: DIWAN,P.(2002)

política de controle do corpo. Dessa forma, a Educação Física segue cumprindo o seu objetivo na contemporaneidade enquanto área pedagógica a dispor de sua especificidade para atender aos anseios e objetivos que a sociedade cria, neste caso, como promotora das mutações corporais. Essa complexidade nos reserva inferir que a Educação Física enquanto prática corporal se mantém atrelada à hegemonia cultural, invisibilizando o corpo negro como corpo concebido dentro de uma corporeidade que implica ser reconhecida pela sua diferença.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Destarte, a adoção de métodos de padronização dos corpos mediante práticas disciplinadoras e seletivas rígidas, oriundas das concepções euro-americanas, de algum modo definiu padrões de comportamentos de submissão daqueles que não correspondiam aos modelos estéticos corporais e a performances físicas solicitadas. Parti dessas reflexões para compreender os mecanismos utilizados nas escolas, através do esporte nas aulas de Educação Física, e o corpo dos jovens negros. Vale ressaltar que o esporte se constituiu enquanto modalidade primordial do ensino da Educação Física escolar até os dias de hoje. No entanto, essa prática, que serviu a vários interesses políticos e institucionais, desqualificou, em muitos momentos, aqueles alunos que não “respondiam” positivamente às práticas educativas impostas, como as técnicas e táticas de um jogo, o rendimento, os resultados, produzindo uma baixa auto-estima nos alunos, que não respondiam a esse padrão, muitas vezes caracterizados como incapazes, fracos, lentos, bobos etc.

Essa breve periodização do processo de transformação pelo qual o ensino da Educação Física esteve de alguma forma imbricado, me leva a entender como se processaram as políticas de controle sobre o corpo e como a Educação Física, através da ginástica, colaborou para o adestramento dos corpos, reprimidos pelo processo de civilização e socialização, marcas de um regime voltado para disciplina corporal e obediência civil “condicionantes das práticas corporais utilitárias ao sistema” (SARAIVA,2004, p.118).

Ao fazer esta abordagem do ponto de vista das mutações pelo qual o corpo esteve no centro das mudanças do ensino da Educação Física, foi possível compreender, a partir dos ideais higienistas, que o corpo negro foi um corpo anulado em suas potencialidades, identificando que é no corpo que recaem as representações de um passado histórico, ficando o corpo dos sujeitos negros sempre à margem da sociedade, não sendo diferente para a Educação Física.

REFERÊNCIAS

COLETIVO DE AUTORES, **Metodologia do ensino da educação da física**. São Paulo: Cortez, 1992.

COSTA, Jurandir Freire. **Ordem médica e norma familiar**. Rio de Janeiro: edições Graal,(Biblioteca de filosofia e história das ciências: v. nº5) 2ª ed. 1983, p.179.

DIWAN, Pietra S. **Do feio ao belo: os caminhos da desumanização**. Projeto História, São Paulo, n.25, Dez. p.423-433, 2002.

SARAIVA, Maria do C. **Co- educação física e esportes: quando a diferença é mito**. Ed. Injuí: Ed. Unijuí, 2004